

## Revisitando a Análise do Discurso Ecológica (ADE)

### Ecological Discourse Analysis (EDA) Revisited

*Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto\**

*\*Universidade Federal de Goiás/NELIM (UFG)*

---

**Resumo:** Este artigo é uma re-visita à Análise do Discurso Ecológica (ADE), apresentada mais pormenorizadamente outras publicações. Ele começa pela apresentação de algumas fontes de inspiração (Análise do Discurso Positiva, Ecologia Social, Ecologia Profunda, Taoísmo etc.). A ADE é comparada às análises do discurso tradicionais, tais como a francesa iniciada com Michel Pêcheux e a inglesa baseada na obra de Norman Fairclough. Enquanto estas se baseiam fundamentalmente em ideologia (marxista) e relações de poder, a ADE enfatiza a vida. Ela procura defender a vida sempre que possível, bem como evitar o sofrimento por parte de seres vivos. Mas, uma vez que as ideologias são inevitáveis, a ADE abraça uma ecoideologia ou bioideologia. Por exemplo, ao analisar um texto sobre uma mulher que apanha de seu marido bêbado, os praticantes de ADE a defende não por ser mulher, mas um ser vivo que está sofrendo.

**Palavras-chave:** Ecolinguística. Análise do Discurso Ecológica. Ecoideologia.

---

---

**Abstract:** This article is a re-visit to Ecological Discourse Analysis (EDA), presented in more length elsewhere. It starts off by presenting some of its sources of inspiration (Positive Discourse Analysis, Social Ecology, Deep Ecology, Taoism etc.). EDA is confronted with traditional discourse analysis, such as the French trend begun with Michel Pêcheux and the British one of Norman Fairclough. While these draw heavily on ideology (Marxist) and power relations, EDA emphasizes life. Instead of that, it seeks ways to defend life as far as possible as well as to avoid suffering by living beings. Since ideologies are unavoidable, EDA embraces an ecoideology or bioideology. For instance, when analyzing a text about a woman who is beaten by her drunken husband, ecological discourse analysts defend her not for being a woman, but a living being who is suffering.

**Keywords:** Ecolinguistics. Ecological Discourse analysis. Ecoideology.

---

## Introdução

A análise do discurso ecológica, doravante ADE, é uma aplicação da linguística ecossistêmica, motivo pelo qual inicialmente ela foi chamada de ‘linguística ecossistêmica crítica’, por sugestão da análise do discurso crítica e da ecolinguística crítica. A ADE se dedica ao estudo de todo e qualquer discurso partindo da visão ecológica de mundo, à qual voltaremos mais abaixo. Ela não é meramente ‘análise de discurso ecológico’ ou ambiental. A análise de textos ambientais pode ser feita inclusive fora da linguística, como fizeram Carvalho (1989), na Psicologia da Educação, e Menezes (2008), na Extensão Rural. A ADE analisa discursos ecológicos também, mas, como faz parte de uma visão de mundo, pode se dedicar a discursos não ambientais. É a teoria que é ecológica não exclusivamente seu objeto. Ela é declarada e confessadamente ecológica pela teoria e pela metodologia, mas pode sê-lo também pelo objeto, embora não necessária e exclusivamente.

A ADE foi exposta pela primeira vez em Couto (2013). Logo a seguir Alexander & Stibbe (2014) também falaram em ‘análise de discurso ecológica’, embora desconhecendo Couto (2013), pelo menos aparentemente. Em Couto (2014) ela foi exposta de modo mais sistemático pela primeira vez. No mesmo volume apareceram pelo menos mais quatro textos dedicados total ou parcialmente a ela, ou seja, Matos; Couto; Marques; Couto (2014), Couto; Silva (2014), Fernandes (2014). Em Couto; Couto; Borges (2015) temos um livro inteiro dedicado a ela, inclusive alguns exemplos de aplicação. Por esses e outros motivos, aqui vamos falar apenas de aspectos teóricos dela.

Além do conceito de ecolinguagem discutido em Matos; Couto; Marques; Couto (2014), tem-se falado também em ‘ecolíngua’ e outros. Fernandes (2014) fala em ‘ecodiscurso’, que não deve ser confundido com ecolinguagem, mas que é um conceito bastante útil para quem analise textos ambientalistas. Gostaria de lembrar que Bednarek; Caple (2010) falam em ‘análise do discurso ecolinguístico’, cuja sigla em português seria também ADE. No entanto, essa designação parece redundante, ou até conflitante com as já existentes ‘análise do discurso crítica’, ‘ecolinguística crítica’, ‘linguística ecocrítica’ e até mesmo com a ‘análise do discurso ecológica’ aqui proposta. De qualquer forma, trata-se de uma proposta interessante.

Antes, porém, vamos elencar algumas de suas principais fontes de inspiração e pelo menos uma precursora, a análise do discurso positiva.

## 1 Algumas fontes de inspiração da ADE

Como não poderia deixar de ser, a primeira fonte de inspiração da ADE é a própria ciência da ecologia, sobre cuja história nem é necessário falar, uma vez que ela está explorada em muitas publicações ecolinguísticas, além das especificamente ecológicas. Com o tempo, começaram a surgir abordagens ecológicas em ciências humanas, como a sociologia, a antropologia e a filosofia, entre outras. Isso se deu no bojo da emergência de uma visão ecológica de mundo (VEM), como se pode ver em Capra (1998, 2008). A ecolinguística ou, mais especificamente, a linguística ecossistêmica já está apresentada no capítulo I do presente livro, que seria interessante ler juntamente com o presente capítulo, talvez até antes dele.

A ecologia social (BOOKCHIN, 1993) apregoa que por mais que os humanos pensem que são superiores aos demais seres vivos, também eles (humanos), com toda sua cultura emergem da natureza, como defende também o ecolinguista Peter Finke. Por isso é preciso mudar a mentalidade de dominação sobre os demais seres para a de complementaridade. Isso deveria levar a uma atitude de humildade, não de prepotência, respeitando a espiritualidade dos povos não no sentido das religiões, que criam um ser superior para dominá-los.

A filosofia que forneceu grande parte dos conceitos centrais da ADE é a ecologia profunda, desenvolvida pelo filósofo norueguês Arne Naess (1912-2009). Partindo de ideias de Baruch Spinoza, do taoísmo e do exemplo de vida de Gandhi, ele formulou uma ecofilosofia (ecosofia) que defendia o direito à vida de todos os seres. Os humanos não têm nenhum direito de usar e abusar dos demais a seu bel-prazer. Todos os seres vivos estão sempre à procura da própria autorrealização, ou seja, do bem-estar e da felicidade. Para essa filosofia, errado é o que traz sofrimento. O que não o traz, não pode, em princípio, ser assim classificado. Ela defende o que chama de prescrição, no sentido de que se deve prescrever atitudes que favoreçam a vida e vão contra a morte e o sofrimento. Como o termo ‘prescrição’ é muito forte em português, talvez pudéssemos substituí-lo por ‘recomendação’ e assemelhados. Ela sugere até atitudes práticas a serem tomadas em situações concretas. Por exemplo, pode-se tomar partido diante do sofrimento de muitas mulheres em alguns países muçulmanos apoiando a pequena minoria desses próprios países que são contra esse tipo de prática.

A ecologia profunda foi proposta inicialmente em Naess (1973), mas teve vários aperfeiçoamentos posteriores, como se pode ver em Naess (1989, 2002) e até mesmo na revista *The trumpeter*, porta-voz do movimento, disponível *online*. A maior parte das publicações está, como é natural, em norueguês.

O taoísmo é mais uma filosofia de vida do que uma religião como as ocidentais, tendo muitas afinidades com o hinduísmo e o budismo. A filosofia taoísta pode ser respigada nas páginas do *I ching*, do *Tao te ching*, de *Chuang Tzu* e *Lieh Tzu*, entre outros. O conceito central dessa filosofia é a harmonia, com a natureza em geral e com os demais seres vivos, aí inclusos os demais humanos. Daí decorre tudo mais, como tolerância para com o que é diferente, humildade, frugalidade na alimentação, compaixão etc.

Diferentemente do que fazem todas as versões de análise do discurso precedentes, o taoísmo reconhece o conflito, mas não põe ênfase nele, mas na conciliação, na harmonia. Por exemplo, ao longo de todo o *Tao te ching*, há vários capítulos defendendo a ideia de que conceitos que para os ocidentais seriam antagônicos (*preto/branco*, *bom/mau*, *bonito/feio*, *largo/estreito* etc.) se articulam ao longo do mesmo eixo, de modo que o *preto* só se qualifica como tal frente ao *branco*, o *bom* frente ao *mau*, o *bonito* diante do *feio*, o *largo* só o é relativamente ao *estreito* e assim por diante. O antagonismo existe também, mas não é imprescindível enfatizá-lo de modo tão intenso como se faz no marxismo, fonte da visão ideológica da análise do discurso tradicional. Couto (2012) é uma tentativa de aplicar os princípios taoístas ao estudo de fenômenos da linguagem. O capítulo 2 é inteiramente dedicado a expor sua filosofia, de modo que os interessados no assunto podem começar por ele.

Intimamente associado ao taoísmo temos o budismo, que é uma religião nascida no bojo do hinduísmo. Embora ele tenha chegado à China antes do século I d.C. na versão chamada de mahayana, ele nunca teve aí muita expressão, devido ao forte espírito taoísta e confucianista do povo chinês. Entre os princípios defendidos pelo budismo, temos não violência, não ódio, fraternidade, ausência de desejos, continência e o ideal de atingir o nirvana, que é a libertação dos ciclos de nascimento e morte. A ausência de desejos é defendida porque todo desejo tende a ser satisfeito e, como muitas vezes isso é impossível, vem o sofrimento. Ausência de desejos favorece a ausência de sofrimento. Para mais detalhes, pode-se consultar Humphreys (1990).

No que tange a Gandhi, o próprio Naess escreveu um livro sobre ele. Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948) passou a ser conhecido como Mahatma (venerável) Gandhi mundialmente. Devido à presença dos invasores ingleses em seu país, ele lançou o movimento de desobediência civil não violenta, na verdade iniciado já em sua vida de expatriado na África do Sul. Após seu retorno à Índia em 1915, organizou os camponeses, os pequenos fazendeiros e os trabalhadores urbanos em protestos contra o excesso de impostos e a discriminação de que eram vítimas em sua própria terra. Como um líder político, a partir de 1921 lançou uma campanha em prol de um aumento dos direitos das mulheres, de uma convivência pacífica entre diferentes grupos religiosos e étnicos, além de tentar combater a pobreza e a intocabilidade. Pouco mais tarde, defendeu o movimento “Deixem a Índia”. Ele levou uma vida extremamente modesta, em todos os sentidos,

inclusive na vestimenta e na alimentação, com diversos jejuns. Isso incomodou muito os ingleses, pois era difícil ir contra ele, uma vez que defendia a não violência. Como se vê, seu exemplo de vida é muito interessante para a filosofia da ADE, assim como foi para a ecologia profunda.

Tudo isso preparou o caminho para o surgimento da ADE. Porém, no seio da própria análise do discurso tradicional surgiu uma proposta que se aproxima muito dela, a chamada análise do discurso positiva. Ela será apresentada na seção seguinte.

## 2 A análise do discurso positiva

O proponente da análise do discurso positiva, James R. Martin, formou-se no mesmo ambiente em que a análise do discurso crítica surgiu, inclusive a linguística sistêmico-funcional de Halliday, cujo modelo continua sendo usado em suas análises. No entanto, ele afirma que a ADC apresenta uma faceta desconstrutiva, que vê o mundo sempre pelo lado negativo, do conflito, mesmo quando deseja melhorá-lo no que concerne a gênero, etnicidade, distinções de classe etc. Por isso, Martin propõe a análise do discurso positiva (ADP) como complemento da ADC, defendendo as mesmas causas, mas partindo não do conflito, mas da harmonização. Em sua opinião, isso tornaria o mundo um lugar melhor.

Em Martin (1999), o autor analisa detalhadamente a autobiografia de Nelson Mandela (1918-2013) exposta em duas páginas do final de seu livro *Long walk to freedom* (1995, 1996). Como sabemos, por lutar contra o regime do *apartheid* na África do Sul, Mandela ficou preso 27 anos de sua vida, tendo saído da prisão em 1990. De 1994 a 1999 foi presidente de seu país. Martin ressalta que a despeito do sofrimento por que passou, Mandela não revelava amargura nem cultivava sentimento de vingança. Pelo contrário, ele defendia liberdade não apenas para seus compatriotas negros, mas também para os brancos, pois, “a liberdade é indivisível”. O fato é que “a retórica de Mandela de engajamento nos faz sentir incluídos além de instruídos” (p. 47).

Martin fala ainda da “habilidade de Mandela de naturalizar valores radicais de molde a desarmar em vez de levar ao confronto”, o que “implica não apenas o fim do *apartheid*, mas também uma reconciliação com seus agentes”. Por isso, conclui autor, “se os analistas do discurso levam a sério a tarefa de patrocinar mudanças sociais, devem alargar seu raio de ação para incluir discursos como esse”, com o que estarão praticando “um discurso mais positivo” (51-52). Martin estuda ainda o discurso de Bono Vox contra a violência na Irlanda, o texto de Mark Twain contra a guerra dos EUA com as Filipinas e um bem humorado texto do autor de livros infantis Raymond Briggs sobre a Guerra das

Malvinas, entre muitos outros. O objetivo é sempre mostrar que muito mais relevante do que o motivo para se ir à guerra é o sofrimento que ela causa nos dois lados.

A ADC apresenta e critica duramente as desigualdades sociais, a distribuição desigual de poder político e econômico, mas é incapaz de convencer os leitores. Segundo Martin, isso se deve ao modo de apresentar as questões, sempre pelo lado negativo. Uma análise que enfatize o lado positivo seria, em sua opinião, muito mais convincente e até mais simpática ao leitor, como mostram os exemplos que ele discute em seus ensaios.

No nosso modo de ver, um problema com os ensaios de Martin é o conterem mais excertos de textos, repetições de partes desses textos e tabelas, a tal ponto que chegam a perfazer mais de dois terços do ensaio, frente à parte interpretativa. Além do mais, ele está sempre preocupado com inserir seus dados no quadro teórico da linguística sistêmico-funcional, o que, em nossa opinião, não é indispensável. De qualquer forma, a ADP é complementar não apenas da ADC. Falando em termos hegelianos, poderíamos dizer que a ADC apresenta a tese; a ADP a antítese; a ADE faz a síntese das duas. Mais detalhes podem ser encontrados em Martin (2003, 2004) e, em português, em Vian Jr. (2010).

### **3 Alguns princípios da análise do discurso ecológica (ADE)**

Como acabamos de ver em James Martin, a análise do discurso crítica, e a análise do discurso em geral, vê seu objeto sempre pelo lado negativo. A análise do discurso positiva, proposta por ele, procura vê-lo pelo lado positivo. Pois bem, por encarar seu objeto holisticamente, a análise do discurso ecológica junta as duas posturas, num procedimento parecido com o da dialética hegeliana, que parte de uma tese, opõe a ela uma antítese e fecha o ciclo com uma síntese das duas. Contrariamente ao que já se disse por aí sobre a ADP e sobre a ADE, de modo um tanto leviano e sem conhecimento de causa, os praticantes dessas duas correntes da análise do discurso não agem festivamente, ignorando as maldades do mundo. A diferença de seu procedimento relativamente às outras duas consiste no fato de ADP e, sobretudo, a ADE não considerarem o lado negativo o único a merecer a atenção do analista.

Sequer é o mais importante. No caso específico da ADE, por seguir orientações da ecologia profunda, do taoísmo e, independentemente das duas, por perfilhar a visão ecológica de mundo, põe em primeiro plano a vida, de todos os seres, em todos os sentidos. Afinal, a ecologia é parte da biologia, a ciência da vida. Passemos às principais categorias de análise da ADE. Melhor, vejamos quais são os principais conceitos que constituem seu arcabouço epistemológico.

Antes de mais nada é bom repetir que a ADE é parte da linguística ecossistêmica, discutida no primeiro capítulo deste livro, motivo pelo qual ela é também chamada de linguística ecossistêmica crítica (LEC). Se a AD e a ADC partem preferencialmente, e quase exclusivamente, de questões ideológicas e relações de poder, a ADE/LEC, devido a sua origem e filiação ecológica, parte de uma defesa incansável da vida, em todos os sentidos, e de uma luta contra tudo que possa trazer sofrimento a um ser vivo, de qualquer espécie, não apenas dos humanos, pois ela rechaça o antropocentrismo.

Quando se fala em defesa da vida e em luta contra o sofrimento, várias questões precisam ser levadas em conta. No que tange à vida, é preciso tomar partido sobre a vida de uma mulher grávida de um estupro e a do feto. A qual delas deve ser dada mais atenção? Afinal, pelo simples fato de ter sido estuprada a mulher já está sofrendo. Sua gravidez é fruto de uma violência. Nesse caso, devemos dar prioridade à sua vida ou à do futuro bebê? A questão não é simples. Aí entram questões éticas, deontológicas. A ADE fornece linhas gerais, mas não fórmulas para se solucionar toda e qualquer questão específica. Deve-se admitir a interrupção da gravidez bem no início do processo, quando o feto ainda não está inteiramente formado? Se o processo já estiver bastante avançado, deve-se deixar o bebê nascer e o estado tomar conta dele? São questões polêmicas e até explosivas, em que os ânimos se exaltam com facilidade.

Com relação especificamente ao sofrimento, é preciso ressaltar que ele pode ser físico (natural), mental ou social. Assassinatos causam a maior dor que um ser vivo pode sofrer, mas, espancamentos, mutilações de partes do corpo e/ou órgãos também entram nessa categoria. As torturas, os assédios (morais, sexuais etc.) e as torturas psicológicas causam um sofrimento muito grande à vítima, maior até do que um sofrimento físico como o beliscão. Expor uma pessoa ao ridículo, difamá-la e caluniá-la causam um grande sofrimento social, uma vez que ela fica constrangida, às vezes até com vergonha de sair da casa.

Nós gostaríamos de falar ainda de dois tipos de sofrimento que têm sido infligido à mulher. O primeiro é o caso dos maridos que chegam bêbados em casa e xingam, espancam a esposa, chegando até a matá-la em alguns casos. Trata-se de um sofrimento muito grande, inaceitável. Nesse caso, a ADE defende a mulher não por ser mulher, mas por ser um ser vivo (humano) que sofre. Com isso está defendendo-a pelo lado positivo, pela harmonização, não pelo conflito das ideologias, como faz o feminismo. Este opõe homem e mulher, ao passo que a visão ecológica de mundo procura juntar os dois. O segundo é a situação da mulher em alguns países muçulmanos radicais. Aí a mulher não tem nenhum direito, só obrigações. O homem pode fazer o que bem entender com ela. A ADE é frontalmente contra isso. No entanto, não faz a defesa afrontando os costumes majoritários locais. Como disse Arne Naess, nesses próprios países há uma pequena minoria que é contra a prática. É essa minoria que devemos apoiar.

Poderíamos mencionar ainda o infanticídio em algumas tribos indígenas. Devemos aceitá-lo, pois do contrário estaríamos violando os costumes do grupo e, com isso, provocando sofrimento social? É o que faz a maioria dos antropólogos. Mas, e o sofrimento da criança, que perderá a vida? A ADE e a VEM em geral têm uma posição muito clara: costumes mudam, mas a morte é irreversível. Por isso, em princípio, ela dá preferência à preservação da vida. E a eutanásia, deve ser aceita, por exemplo, quando a própria vítima deseja por fim à própria vida por estar sofrendo dores insuportáveis?

Quando dissemos que a VEM encara seu objeto pelo lado positivo, não pelo negativo das ideologias, não estávamos querendo dizer que ideologias não existem. Elas estão aí, quer queiramos quer não. O que a ADE defende é que não se deve colocá-las em primeiro plano. Além do mais, se é para se falar em ideologia, ela defende a ideologia da vida (ideologia ecológica ou ecoideologia). Como as questões políticas fazem parte da vida, são tratadas no bojo dessa ecoideologia. As ideologias políticas são subsidiárias dela. A ADE segue uma ética ecológica, a ecoética.

Como tem sido ressaltado na literatura, a dimensão espiritual do grupo sob análise não pode ser escamoteada. Não que devamos incluir um “ecossistema espiritual” em nosso modelo, mas para verificar como a religiosidade se encaixa na dimensão natural, na mental e na social. Em geral ela parte da primeira e se manifesta na interface das duas últimas.

O fato de a ADE ser parte da linguística ecossistêmica já sugere naturalmente quase todos os conceitos que a enformam. Em primeiro lugar, temos o holismo. Como faz o ecólogo com o ecossistema, também o especialista em ADE deve considerar seu objeto de estudo holisticamente, sem deixar nada de lado intencionalmente, o que revelaria parcialidade. Com isso, estará respeitando a diversidade de manifestações que esse objeto manifesta. O respeito ao diferente é indissociável da visão ecológica de mundo, uma vez que a diversidade é uma das características mais vitais do ecossistema. Em terceiro lugar, cada ser e/ou aspecto do objeto está sempre se adaptando às novas circunstâncias a que está exposto, adaptação que é o anverso da moeda cujo verso é a evolução. O estudioso de ADE precisa saber que tudo muda, nada está parado. Por isso, tem que estar aberto às inovações, e abertura implica uma certa porosidade no objeto de estudo. Ele está sempre recebendo matéria, energia e informação do entorno bem como enviando-as a ele.

Como nos ecossistemas biológicos, também nos ecossistemas sociais o que importa são as interações, as relações. Elas podem ser harmônicas, como a comunhão que tem que haver para que o grupo sobreviva e para que haja interação comunicativa eficaz. Mas, podem ser também desarmônicas, como a relação predador-presa. Vale dizer, não faz sentido a crítica à ADP e à ADE de que seus partidários estariam sempre em estado de graça e ignorando as maldades do mundo. A própria ecologia nos mostra que o predatismo

também pode colaborar para a sustentabilidade do ecossistema, e do mundo, como um todo.

Por fim, a VEM valoriza muito a reciclagem de recursos, justamente para garantir a vida no futuro, com o que estará pensando a longo prazo, que é o da natureza.

A linguística ecossistêmica parte do tripé povo (P), território (T) e língua (L). O enfraquecimento ou desaparecimento de qualquer um desses três componentes do ecossistema linguístico levará ao enfraquecimento e, ao fim e ao cabo, ao aniquilamento desse ecossistema, vale dizer da comunidade. Isso significa um sofrimento enorme para seus membros, que eventualmente sobreviverem, dispersarem pelo mundo. Usando categorias de Deleuze & Guattari (2008), podemos dizer que um povo só estará efetivamente autorrealizado (feliz) se estiver em plena vivência com sua terra, se estiver territorializado. Se perder T, se desterritorializará, o que provocará o esfacelamento da comunidade como um todo. Às vezes nem uma reterritorialização forçada traz a autoestima de volta. Isso se mostra de modo flagrante no caso das comunidades ameríndias remanescentes.

Por fim, gostaríamos de acrescentar que para a AD tradicional, de qualquer matiz, o discurso a ser analisado pode até ser ecológico, mas a análise será sempre político-ideológica. Para a ADE, o discurso a ser analisado não precisa ser ecológico, mas a análise sempre o será.

Para algumas sugestões de análises de discursos da perspectiva da ADE, pode-se recorrer a Couto; Couto; Borges (2015) e Couto (2014). Trata-se das primeiras tentativas. O campo é bem amplo e aguarda os jovens investigadores, ávidos de novidades e generosos no que tange à melhoria da vida na face da terra.

## Comentários

Poder-se-ia alegar que deixar de usar 'ideologia' e 'relações de poder' e empregar conceitos como 'defesa da vida' e 'luta contra tudo que traga sofrimento' seria deixar algo sempre igual e introduzir algo sempre igual. Seria trocar seis por meia dúzia. Na verdade, a ADE pode até não ser aceita pela comunidade, devido à “mácula” ecológica que traz consigo. No entanto, uma coisa ninguém pode negar: trata-se de algo novo no cenário da análise do discurso. Ela não vai procurar em seu objeto de estudo apenas ideologia e relações de poder. A ideologia no caso é marxista, em todas as versões de análise do discurso de que temos conhecimento, exceto, talvez, a ADP. Ora, como já foi demonstrado em diversas publicações, a ideologia é uma das piores partes do marxismo. De modo geral, ele

contém muitas categorias perfeitamente assimiláveis pela visão ecológica de mundo (totalidade, dialética, evolução etc.).

Repitamos a AD e a ADC procuram sempre relações de poder. Por isso, em geral procura para analisar textos nos quais já se sabe de antemão que neles o componente ideológico e as relações de poder têm um papel decisivo. Assim sendo, encontram ideologia e relações de poder, c.q.d. É claro que poderia dizer o mesmo da ADE: que ela procura discursos em que a defesa da vida se faz necessária e/ou em que é necessário intervir para evitar sofrimento ou, no mínimo, denunciá-lo. Isso não é inteiramente verdade. Se no discurso sob análise é necessária uma defesa da vida, ou uma luta contra o sofrimento, os partidários da ADE efetivamente farão isso. No entanto, por encarar seu objeto holisticamente, a ADE pode debruçar-se sobre textos que não contenham essas duas coisas. Em Couto (2014) se pode ver uma sugestão de análise de um silogismo, um dos textos mais abstratos, pois, conforme a tradição, neles só importam as relações internas, relações lógicas.

A ADE observa em seu objeto todos os lados, sobretudo o natural, o mental e o social. Porém, não ignora o espiritual, já defendido por Bookchin (1993), por Carvalho; Steil (2008) e Capra (1998, 2008). Questões como a do infanticídio entre grupos ameríndios estão inextricavelmente ligadas à espiritualidade, não no sentido de religiosidade, mas de uma transcendência relativamente ao ramerrão da vida quotidiana. Quase todos os grupos étnicos tradicionais são animistas. Para eles a montanha, a floresta, o rio ao lado, a onça, o relâmpago e o trovão são manifestações do espírito do universo, de forças que nos dominam e que, portanto, devemos respeitar.

Gostaríamos de terminar com a citação de um longo trecho de Fritjof Capra que, de certa forma, sintetiza tudo que foi dito acima. Para ele, “O estudo detalhado dos ecossistemas nestas últimas décadas mostrou com muita clareza que a maioria das relações entre organismos vivos são essencialmente cooperativas, caracterizadas pela coexistência e a interdependência, e simbióticas em vários graus. Embora haja competição, esta ocorre usualmente num contexto mais amplo de cooperação, de modo que o sistema maior é mantido em equilíbrio. Até mesmo as relações predador-presa, destrutivas para a presa imediata, são geralmente benéficas para ambas espécies. Esse *insight* está em profundo contraste com os pontos de vista dos darwinistas sociais, que viam a vida exclusivamente em termos de competição, luta e destruição. A concepção que eles tinham da natureza ajudou a criar uma filosofia que legitima a exploração e o impacto desastroso de nossa tecnologia sobre o meio ambiente natural. Mas tal concepção não possui qualquer justificação científica, porque não leva em conta os princípios integrativos e cooperativos que são os aspectos essenciais do modo como os sistemas vivos se organizam em todos os níveis” (CAPRA, 1998b, p. 273).

## Referências

ALEXANDER, R.; STIBBE, A. From the analysis of ecological discourse to the ecological analysis of discourse. *Language sciences* v. 41, 2014, p. 104-110.

BEDNAREK, M.; CAPLE, H. Playing with environmental stories in the news: good or bad practice? *Discourse & Communication* v. 4, n. 1, 2010, p. 5-31.

BOOKCHIN, M. What is social ecology? In: Zimmerman, M. E. (org.). *Environmental philosophy: From animal rights to radical ecology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993.

CAPRA, F. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix/Amana, 1998, 10ed.

\_\_\_\_\_. *O tao da física*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008,

CARVALHO, I. C. M. *Territorialidades em luta: Uma análise dos discursos ecológicos*. Dpto. Psicologia da Educação / Fundação Getúlio Vargas, dissertação de mestrado, 1989.

CARVALHO, I. C.; STEIL, C. A. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & sociedade* vol. XI, n. 2, 2008, p. 208-305.

COUTO, E. K. N.N. do; SILVA, S. S. Análise do discurso ecológica: Ecolinguagem e ecocrítica. In: COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Análise do discurso ecológica*. Campinas: Pontes, 2014. p. 43-52.

COUTO, E. N. N. do; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014.

COUTO, H. H. do. 2007. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus Editora.

\_\_\_\_\_. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso ecológica. Disponível em:

<<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>>. Acesso em 1º abr. 2013.

- \_\_\_\_\_. Linguística ecossistêmica crítica ou análise do discurso ecológica. In: Couto, Elza N. N. do, DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 27-41.
- COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Análise do discurso ecológica*. Campinas: Pontes, 2014.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- FILL, A. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Ökologie: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993.
- FERNANDES, E. M. F. A análise do discurso e perspectivas de um ecodiscurso. In: COUTO, H. H. do; COUTO, E. K. N. N. do; BORGES, Lorena A. O. (Org.). *Análise do discurso ecológica*. Campinas: Pontes, 2014. p. 53-62.
- FINKE, P. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL; MÜHLHÄUSLER (Org.), 2001, p. 84-90.
- HARRIS, R. *Introduction to integrational linguistics*. Oxford: Pergamon, 1998.
- HUMPHREYS, Chr. *Buddhism: An introduction and guide*. 3. ed. Londres: Penquin Books, 1990.
- MAKKAI, A. *Ecolinguistics: Toward a new \*\*paradigm\*\* for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- MARTIN, J. R. Grace: The logogenesis of freedom. *Discourse studies* v. 1, n. 1, 1999, p. 2956.
- \_\_\_\_\_. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de studios ingleses*, n. 49, p. 179-200, 2004.
- \_\_\_\_\_. Vernacular deconstruction: Undermining spin. *DELTA*, v. 22, n. 1, p. 177-203, 2006.

MATOS, F. M.; Couto, E. K.N. N.; MARQUES, A.; COUTO, H. H. do. Ecolinguagem. In: COUTO, E. N. N. do; DUNCK-CINTRA, E. M.; BORGES, L. A. O. (Org.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014. p. 215-224.

MENEZES, F. P. D. *Mídia e questões ambientais: Análise do discurso ambiental nos jornais mineiros*. Univ. Fed. Viçosa / Pós-Graduação em Extensão Rural, 2008.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry* 16, p. 95-100, 1973.

\_\_\_\_\_. *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

\_\_\_\_\_. *Life's philosophy - Reason & feeling in a deeper world*. Athens: The University of Georgia Press, 2002.

RAMOS, R. 2009. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola: Uma abordagem linguística*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.

\_\_\_\_\_. O rei de Espanha foi caçar elefantes: A construção discursiva do evento nos *media* portugueses. *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, 2013, p. 17-40.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 8. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

VIAN JR., O. Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: A análise de discurso positiva. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 11, n. 2, p. 78-96, 2010.

**ELZA KIOKO NAKAYAMA NENOKI DO COUTO**

Professora na graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Goiás. Possui pós-doutorado em Linguística na UNB, mestrado e doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É coordenadora do Núcleo de Ecolinguística e Imaginário (NELIM), cadastrado no CNPq. E-mail: kiokoelza@gmail.com.